

O sociólogo fala, em entrevista ao Dinheiro Vivo, daquilo que entende por "sociedade de austeridade" e quais os riscos a ela inerentes

Casimiro Ferreira: “Poder dos não eleitos combina-se bem com o dos eleitos”

02/05/2012 | 12:13 | Dinheiro Vivo

A preocupação com o momento atual do país levou-o a refletir. Dois meses e meio depois, António Casimiro Ferreira terminava “Sociedade da Austeridade e Direito do Trabalho de Exceção”, um ensaio sociológico que deverá ser lido como um alerta contra o medo como legitimador. Comprometido sem o esconder, o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra aponta o dedo à agenda neoliberal que acredita ser a verdadeira pedra de toque da ação governativa.

O que entende por “sociedade da austeridade”?

O livro tem uma história e resulta de duas intervenções que fiz no ano passado. Senti necessidade de tomar posição. Isto é um ensaio sociológico que acompanha muito do que vivemos. E foi escrito em dois meses e meio. Tem duas partes: na primeira, caracterizo a sociedade de austeridade e na segunda abordo o impacto na legislação laboral. O objetivo foi o de identificar a lógica sociológica associada ao modelo de austeridade. Há três características da ordem moral da austeridade: primeiro, o medo como fonte de legitimidade; faço uma análise da imprensa e de discursos onde saliento a marca do medo e da produção de segurança como legitimadoras das medidas tomadas. Depois há a emergência de uma nova constelação do poder. Trata-se de uma reconfiguração de poderes dos não eleitos, perfeitamente incorporados pela 'troika', que se combina muito bem com o dos eleitos. A austeridade é um conceito ambíguo, não se sabe até onde vai e onde começa a interpretação do Governo. Dou-lhe o exemplo da Justiça. Podemos estar a assistir a uma 'juridicalização' da política, como aconteceu com o Orçamento de Estado. Os tribunais estão a interpretar o memorando e a decidir com base nele. É uma linha perigosa do Estado de Direito que se atravessa.

Como explicar essa transversalidade da lógica da austeridade?

A austeridade está a impor-se como modelo de regulação política. É a nova face do modelo neoliberal, assistimos ao princípio do mercado a chegar às várias esferas da vida. As medidas são implementadas à luz do clima de exceção e há uma desnecessidade de debate sobre as reformas. Mas há ainda uma terceira característica da sociedade da austeridade, que considero muito importante do ponto de vista da pessoa comum: a lógica da culpa, a penalização dos indivíduos, que está patente nos discursos. Mas é preciso perguntar, quem é este nós coletivo? A lógica do sacrifício ajuda a institucionalizar reformas. A invocação de um nós coletivo – porque somos todos culpados – é uma forma de inserir as pessoas na lógica dominante. O combate à crise foi feito, numa primeira fase, com recurso a instrumentos de cariz keynesiano, que nada têm a ver com a lógica neoliberal que refere. O Estado intervinha, resgatava bancos.

Considera que a inflexão foi uma opção estritamente económica ou política?

Foi um reflexo de falta da política. Quando o Lehman Brothers foi à falência, o G-20 reuniu e a imprensa referia o regresso dos políticos. Lembro-me de um título de jornal que dizia: “Agora chegou a vez dos políticos”. Houve certa esperança e voltou a preocupação com a regulação. Mas depois os Governos tornaram-se agentes de seguros.

E porque não continuar dentro do paradigma anterior?

Vou ter que utilizar uma linguagem comprometida (risos). Instalou-se a anarquia liberal que muitos desejam para que forças do mercado atuem. As forças das pessoas com preocupações sociais é que eu não vejo. As pessoas vão acabar por culpar alguém e o mais fácil será culpar quem aparece todos os dias a dar as más notícias.

Acredita que sistema político como o conhecemos está ameaçado?

Não faço futurologia, mas o sistema vai durar enquanto medo durar. Enquanto as pessoas forem obrigadas a assumir contradições que são sistémicas, o sistema manter-se-á. Um dia as pessoas podem cansar-se. E chamo a atenção para os últimos relatórios da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que mostram que o clima de agitação social está a aumentar. A ideia de inquietação está aí.

A arquitetura institucional europeia não terá alguma culpa no imobilismo político?

O que se está a passar nas instituições europeias, e na área social é evidente, é que encontramos matriz de entendimento com uma ótica liberal. O empenho é salvar os mercados e não as pessoas e aí [as instituições] são bastante coerentes. O modelo social europeu nunca foi consensual. Até havia alguma arrogância quando se dizia para os EUA que a Europa conseguia combinar a performance económica com preocupações sociais. O que está a soçobrar é precisamente este modelo. Essas tensões estão inscritas no quadro genético europeu. Há quem olhe para a Europa como um grande mercado e há quem a encare como um espaço de solidariedade.

As pessoas já pouco confiam nas instituições, acredita que vão passar a confiar menos uma nas outras?

Os estudos já evidenciavam que Portugal tem baixos índices de confiança inter-pessoal e nas instituições. Esses indicadores estão a deteriorar-se e sem confiança as sociedades são abaladas.

<http://www.dinheirovivo.pt/Economia/Artigo/cieco044219.html>